

a revolução russa e o partido comunista¹

alexander berkman

Prefácio

A clareza de ideias não é uma característica da mentalidade mediana. Muitas pessoas ainda continuam a falar e a considerar a Revolução Russa e os Bolchevistas como se os dois fossem idênticos. Em outras palavras, como se nada tivesse acontecido na Rússia durante os últimos três anos.

A grande urgência hoje é tornar nítida a diferença entre aquele grande acontecimento social e o partido político dominante — uma diferença tão fundamental quanto tem sido fatal à Revolução.

As páginas seguintes apresentam um claro e historicamente verdadeiro quadro dos ideais que

Alexander Berkman foi Imigrante russo que se tornou proeminente anarquista nos EUA. Cometeu um atentado contra um industrial durante uma greve operária e passou 14 anos na prisão. Em 1919, devido a contundentes manifestações contra a guerra, foi deportado para a Rússia junto com vários anarquistas, inclusive Emma Goldman, sua companheira na vida amorosa e política. Depois de dois anos, deixaram o país e prosseguiram na crítica libertária aos rumos autoritários da revolução russa e das ações do partido comunista. Berkman morreu aos 66 anos, na França, em 1936.

inspiraram a Revolução e o papel desempenhado pelos Bolchevistas. Este folheto prova de uma vez por todas o que É a Revolução Russa e o que NÃO É o Estado Bolchevista, também conhecido como Partido Comunista.

Considero esta brochura, enquanto leitura popular, uma análise bem qualificada e suficientemente completa sobre a Revolução Russa e as causas da sua destruição. Pode ser considerada como uma expressão autorizada do movimento anarquista da Rússia, pois foi escrita por anarquistas de diferentes escolas, todos bem versados e alguns deles participantes nos acontecimentos da Revolução. É o trabalho conjunto de quatro conhecidos anarquistas de Moscou cujos nomes não podem ser mencionados no momento, tendo em vista que alguns deles estão ainda na Rússia. Tampouco tais nomes são importantes neste contexto, antes importam o assunto e sua explanação. Aceito aqui a total responsabilidade pelo conteúdo das páginas seguintes, assim como sou responsável pela tradução do manuscrito russo para o inglês.

Aproveito a ocasião para corrigir a declaração errônea contida no Prefácio de Rudolf Rocker à edição alemã deste panfleto em relação à sua autoria. Esta brochura foi escrita em Moscou, em junho de 1921, e secretamente encaminhada para Rocker. Por causa de um mal entendido, o camarada Rocker atribuiu a autoria do manuscrito a uma pessoa aludida veladamente, mas não citada no Prefácio de Rocker. A realidade da autoria está indicada acima.

Julho de 1922

A Revolução Russa e o Partido Comunista

A Revolução de Outubro não foi uma descendente legítima do marxismo tradicional. A Rússia pouco se assemelhava a um país no qual, segundo Marx, “a concentração dos meios de produção e a socialização das ferramentas do trabalho atingiram o ponto em que não podem mais ser contidas na concha capitalista. A concha explode...”.

Na Rússia, “a concha” explodiu inesperadamente. Explodiu em um estágio de baixo desenvolvimento técnico e industrial, quando a centralização dos meios de produção tinha feito pouco progresso. A Rússia era um país com um sistema de transporte mal organizado, com uma burguesia fraca e um proletariado fraco, mas com uma população camponesa numericamente forte e socialmente importante. Em suma, era um país em que, aparentemente, não havia debate sobre o antagonismo irreconciliável entre as forças de trabalho industrial consolidadas e um sistema capitalista plenamente amadurecido.

No entanto, a combinação de circunstâncias em 1917 envolveu, particularmente para a Rússia, um estado de coisas excepcional que resultou no catastrófico colapso de todo o sistema industrial. “Foi fácil para a Rússia”, escreveu justamente Lênin na época, “começar a revolução socialista na situação peculiarmente única de 1917”.

As condições especialmente favoráveis para o início da revolução socialista foram:

- 1) a possibilidade de misturar os slogans da Revolução Social com a demanda popular pelo término da guerra

mundial imperialista, a qual tinha acarretado esgotamento e enorme insatisfação entre as massas;

2) a possibilidade de permanecer, pelo menos durante um certo período depois de se ter deixado a guerra, fora da esfera de influência dos grupos capitalistas europeus que continuaram a guerra mundial;

3) a oportunidade de começar, mesmo durante o curto período de tempo desta pausa, o trabalho de organização interna e de preparar os alicerces para a reconstrução revolucionária;

4) a posição excepcionalmente favorável da Rússia em caso de possível nova agressão por parte do imperialismo da Europa Ocidental, em decorrência de seu vasto território e dos meios de comunicação insuficientes;

5) as vantagens de tal condição em caso de guerra civil;

6) e a possibilidade de satisfazer quase imediatamente as exigências fundamentais do campesinato revolucionário, não obstante o fato de que o ponto de vista essencialmente democrático da população agrícola fosse inteiramente diferente do programa socialista do “partido do proletariado” que tomou as rédeas do governo.

Além disso, a Rússia revolucionária já tivera o benefício de uma grande experiência — a experiência de 1905, quando a autocracia czarista conseguiu esmagar a revolução pelo real motivo desta última ter se empenhado em ser exclusivamente política e, conseqüentemente, não poder insuflar os camponeses nem mesmo inspirar uma parte considerável do proletariado.

A guerra mundial, ao expor a completa falência do governo constitucional, serviu para preparar e acelerar o

maior movimento das pessoas, um movimento que, em virtude de sua própria essência, só poderia se desenvolver em uma revolução social.

Antecipando as medidas do governo revolucionário, muitas vezes até desafiando-o, as massas revolucionárias começaram, muito antes dos dias de outubro, a pôr em prática seus ideais sociais por sua própria iniciativa. Tomaram posse da terra, das fábricas, das minas, dos moinhos e das ferramentas de produção. Livraram-se dos representantes mais odiados e perigosos do governo e da autoridade. Em uma grande explosão revolucionária, destruíram cada forma de opressão política e econômica. Nas profundezas da Rússia, a Revolução Social estava atizada, quando a mudança de outubro aconteceu nas capitais de Petrogrado e Moscou.

O Partido Comunista, que visava a ditadura, julgou corretamente a situação desde o início. Jogando ao mar as tábuas democráticas de sua plataforma, proclamou energicamente os slogans da Revolução Social a fim de ganhar o controle do movimento das massas. No decorrer do desenvolvimento da Revolução, os bolchevistas deram forma concreta a certos princípios e métodos fundamentais do comunismo anarquista, como, por exemplo, a negação do parlamentarismo, a expropriação da burguesia, as táticas de ação direta, a apreensão dos meios de produção, o estabelecimento do sistema de Conselhos de Trabalhadores e Camponeses (os soviets) e assim por diante.

Além disso, o Partido Comunista explorou todas as demandas populares do momento: o término da guerra, “todo o poder para o proletariado revolucionário”, a terra

para os camponeses, etc. Como veremos adiante, esta demagogiabásicarevelou-se de tremendo efeito psicológico em acelerar e intensificar o processo revolucionário. Mas, como disse Lênin, se foi fácil começar a Revolução, o desenvolvimento e fortalecimento posteriores ocorreriam em um ambiente difícil.

A posição externa da Rússia, como foi caracterizada por Lênin em meados de 1918, continuou sendo “inusitadamente complicada e perigosa”, e “sedutora para os Estados imperialistas vizinhos devido à sua fraqueza temporária”. A República Socialista Soviética estava em uma “posição internacional muito crítica e extraordinariamente instável”.

E, de fato, toda a história externa subsequente da Rússia está cheia de dificuldades em consequência da necessidade de lutar incessantemente, muitas vezes em várias frentes ao mesmo tempo, contra os agentes do imperialismo mundial e mesmo contra aventureiros comuns. Somente depois da derrota final das forças de Wrangel² foi, enfim, colocado um ponto final na direta interferência armada nos assuntos da Rússia.

Não menos difícil, complexa e até caótica era a situação interna do país. O colapso completo de todo o tecido industrial; o fracasso da economia nacional; a desorganização do sistema de transporte, a fome, o desemprego; a relativa falta de organização entre os trabalhadores; as condições inusitadamente complexas e contraditórias da vida camponesa; a mentalidade do “pequeno proprietário”, inimigo do novo regime soviético; a sabotagem do trabalho soviético pela categoria dos técnicos; a grande ausência no Partido de trabalhadores

treinados conhecedores das condições locais e a ineficiência prática dos chefes partidários; finalmente, de acordo com a franca confissão do reconhecido líder dos bolchevistas, “o grande ódio e a desconfiança, pelas massas, de tudo que fosse governamental” — essa foi a situação na qual os primeiros e mais difíceis passos da Revolução tiveram que ser dados.

Deve também ser ainda mencionado que havia outros problemas específicos com os quais o governo revolucionário teve de lidar. Especificamente, as contradições profundas e até os antagonismos entre os interesses e as aspirações dos vários grupos sociais do país. Destes, os mais importantes foram:

1) o mais avançado e, nos centros industriais, o mais influente grupo de proletários de fábrica. Não obstante o relativo atraso cultural e técnico, esses elementos favoreceram a aplicação de verdadeiros métodos comunistas;

2) a numericamente poderosa população camponesa, cuja atitude econômica foi decisiva, particularmente em um momento de prostração industrial e bloqueio. Esta classe olhava com desconfiança e até mesmo ódio todas as tentativas do governo comunista de se colocar como tutor e de controlar as atividades econômicas;

3) o enorme e psicologicamente influente (no sentido de formar a opinião pública, mesmo com um caráter de pânico) grupo dos cidadãos comuns: o resíduo da burguesia superior, técnicos especialistas, pequenos comerciantes, chefetes, agentes comerciais de todos os tipos — um grupo numeroso, no qual também se encontravam funcionários do antigo regime que se adaptaram e serviam ao governo

soviético, sabotando-o de vez em quando; os elementos atraídos pelas oportunidades da nova ordem das coisas e em busca de fazer uma carreira, e, finalmente, pessoas arrancadas de seus modos habituais de vida e literalmente famintas. Esta classe foi estimada em aproximadamente 70% dos funcionários das instituições soviéticas.

Obviamente, cada um desses grupos considerava a Revolução com seus próprios olhos, julgava as novas possibilidades a partir do próprio ponto de vista e, com sua própria maneira peculiar, reagia às medidas do governo revolucionário.

Todos esses antagonismos rasgando o país e, com frequência, colidindo em conflitos sangrentos, inevitavelmente tendiam a nutrir a contrarrevolução, não mera conspiração ou rebelião, mas a formidável convulsão de um país experimentando dois cataclismos mundiais ao mesmo tempo: guerra e revolução social.

Assim, o partido político que assumiu o papel de ditador enfrentou problemas de dificuldade sem precedentes. O Partido Comunista não retrocedeu de sua resolução, e aí se encontra seu imortal mérito histórico.

A despeito dos numerosos e profundos antagonismos, apesar da aparente ausência das condições necessárias para uma revolução social, era tarde demais para discutir sobre como mandar de volta hóspedes não convidados e aguardar uma oportunidade nova e mais favorável. Somente os cegos, dogmáticos ou efetivamente reacionários poderiam imaginar que a Revolução poderia ter sido “feita de forma diferente”. A Revolução não era e nem poderia ser um produto mecânico da vontade humana abstrata. Foi a explosão de um processo orgânico com a força elementar

das reais necessidades das pessoas, a partir da complexa combinação de circunstâncias que determinavam sua existência.

Retornar ao firme antigo regime político e econômico, aquele do feudalismo industrial, estava fora de questão. Era impossível, e antes de tudo porque era a negação da maior conquista da Revolução: o direito de todo trabalhador a uma vida humana decente. Era também impossível devido aos princípios fundamentais da nova economia nacional: o antigo regime era intrinsecamente inimigo do desenvolvimento de relações sociais livres e não havia espaço para a iniciativa trabalhista.

Era evidente que a única solução sadia e direta — que salvaria a Revolução de seus inimigos externos, libertá-la da luta interior que ocupava o país, ampliar e aprofundar a própria Revolução — se colocava na iniciativa direta e criativa das massas trabalhadoras. Somente aqueles que durante séculos suportaram os encargos mais pesados poderiam, através de um esforço consciente e sistemático, encontrar o caminho para uma sociedade nova e regenerada. E isso deveria ser o ponto culminante de um zelo revolucionário sem precedentes.

Ao responder em um de seus textos à pergunta: “Como deve ser mantida a disciplina do partido revolucionário do proletariado, como deve ser fortalecida?”, o próprio Lênin disse de forma clara e definitiva: “Conhecendo como se encontrar, se coligar e, se assim se quiser, até certo ponto se amalgamar com as grandes massas dos trabalhadores, principalmente com o proletariado, mas também com as massas trabalhadoras não proletárias”.

No entanto, esse pensamento como um todo esteve e permanece em um conflito irreconciliável com o espírito do marxismo em sua interpretação oficial bolchevista e, particularmente, com a visão autoritária de Lênin.

Durante anos, treinados em uma peculiar filosofia social “subterrânea”, na qual uma fé fervorosa na Revolução Social encontrava-se estranhamente misturada com uma não menos fanática fé na centralização do Estado, os bolchevistas conceberam uma totalmente nova ciência de táticas. É no sentido de que a preparação e a consumação da Revolução Social exigem a organização de um corpo conspiratórios especial, composto exclusivamente pelos teóricos do movimento, investido de poderes ditatoriais com o objetivo de esclarecer e aperfeiçoar de antemão, pelos próprios meios conspirativos, a consciência de classe do proletariado.

Assim, a característica fundamental da psicologia bolchevista foi a desconfiança nas massas, no proletariado. De acordo com a convicção bolchevista, as massas deixadas por si mesmas só poderiam ascender ao nível de consciência do pequeno reformador.

A estrada que conduz à criatividade direta das massas foi assim abandonada.

De acordo com a concepção bolchevista, as massas são “obscuras”, mentalmente aleijadas por tempos de escravidão. São multicoloridas: ao lado da vanguarda revolucionária, estão incluídos um grande número de indiferentes e muitos oportunistas. As massas, segundo a velha, mas ainda correta, máxima de Rousseau, devem ser liberadas pela força. Para educá-las para a liberdade, não se deve hesitar em usar coação e violência.

“Coação proletária em todas as suas formas”, — escreve Bukharin, um dos principais teóricos comunistas — “começando com a execução sumária e terminando em trabalho obrigatório, é, por mais paradoxal que seja, um método para retrabalhar o material humano da época capitalista para a humanidade comunista”.

Esse doutrinamento cínico, essa fanática quase-filosofia com sabor a molho pedagógico comunista e auxiliada pela pressão de “funcionários canonizados” (expressão do líder comunista e trabalhista Shliapnikov) representam os métodos reais da ditadura do Partido, que retém a marca registrada de ditadura do “proletariado” apenas para assuntos de gala em casa e para propaganda no exterior. Já nos primeiros dias da Revolução, no início de 1918, quando Lênin anunciou pela primeira vez ao mundo seu programa socioeconômico em seus mínimos detalhes, os papéis do povo e do Partido na reconstrução revolucionária foram estritamente separados e definitivamente estipulados. De um lado, um rebanho socialista absolutamente submisso, um povo burro; de outro lado, o omnisciente Partido Político controlador de tudo. O que é inescrutável para todos, é um livro aberto para “Ele”. Na terra pode haver apenas uma fonte indiscutível de verdade: o Estado. Mas o Estado comunista é, na essência e na prática, apenas a ditadura do Partido, ou, mais corretamente, a ditadura do seu Comitê Central. Todo cidadão deve ser, em primeiro lugar, o servo do Estado, seu obediente funcionário, executando inquestionavelmente a vontade de seu mestre, se não como uma questão de consciência, então por medo. Toda iniciativa livre, tanto do indivíduo como da coletividade, é eliminada da visão do Estado. Os soviets do povo são transformados em setores do Partido

Governante; as instituições dos sovietes tornam-se escritórios sem alma, meros transmissores da vontade do centro para a periferia. Todas as expressões da atividade do Estado devem ser carimbadas com o selo aprovador do comunismo, conforme interpretado pela facção no poder. Todo o resto é considerado supérfluo, inútil e perigoso.

Este sistema de absolutismo de quartel, apoiado por bala e baioneta, subjugou todas as fases da vida, não parando antes da destruição dos melhores valores culturais, nem antes do desperdício mais estupendo da vida e da energia humanas.

Declarando *L'état c'est moi*, a ditadura bolchevista assumiu toda a responsabilidade pela Revolução em todas as implicações históricas e éticas.

Ao paralisar os esforços construtivos do povo, o Partido Comunista pôde, doravante, contar apenas com sua própria iniciativa. Por que meios, então, a ditadura bolchevista esperava aproveitar melhor os recursos da Revolução Social? Qual caminho escolheu, não apenas sujeitar as massas mecanicamente à sua autoridade, mas também educá-las, inspirá-las com ideias socialistas avançadas e estimulá-las — esgotadas como estavam por uma longa guerra, ruína econômica e regras policiais — com nova fé na reconstrução socialista? O que substituiu o entusiasmo revolucionário que antes havia incendiado tão intensamente? Duas coisas, que compreenderam o início e

o fim das atividades construtivas da ditadura bolchevista:
1) a teoria do Estado comunista e 2) o terrorismo.

Em discursos sobre o programa comunista, em discussões, em conferências e congressos, e em seu célebre panfleto *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*, Lênin moldou gradualmente essa doutrina peculiar do Estado comunista destinada a desempenhar um papel dominante na atitude do Partido e a determinar todas as etapas subsequentes dos bolchevistas na esfera da prática política. É a doutrina de uma estrada política em ziguezague: de “refúgios” e “tributos”, acordos e compromissos, retiros lucrativos, retiradas e rendições vantajosas — uma verdadeira teoria clássica do compromisso.

Desprezando as “risadinhas e gracejos dos lacaios da burguesia”, Lênin convoca as massas trabalhadoras para “orientar o vento”, para recuar, esperar e observar, para ir devagar, e assim por diante. Não mais o espírito ardente do comunismo, mas sim um comercialismo sóbrio é que pode negociar com sucesso algumas migalhas do socialismo vindas da burguesia ainda não conquistada — essa é a “necessidade da hora”. Encorajar e desenvolver as virtudes do comerciante, o espírito de parcimônia e negociação rentável: esse é o primeiro mandamento para as pessoas “regeneradas”.

No referido panfleto, Lênin patrulha toda a moralidade estereotipada e compara as táticas de seu Partido com as de um comandante militar, ignorando o abismo que os divide e a seus objetivos. Todos os meios são bons se levam à vitória. Existem compromissos e compromissos. “Toda a história do bolchevismo antes e depois da Revolução de Outubro” — Lênin prega aos “ingênuos esquerdistas

comunistas alemães” que estão sufocando em seu próprio fervor revolucionário —, “está repleto de casos de acordos e compromissos com outros partidos, a burguesia incluída”. Para provar sua afirmação, Lênin enumera com grande detalhe vários casos de negociação com os partidos da burguesia, começando com 1905, e até a adoção pelos bolchevistas, na época da Revolução de outubro, “da plataforma agrária dos socialistas-revolucionários, no todo, sem mudança”.

Compromisso e barganha, com os quais os bolchevistas tão justa e impiedosamente denunciaram e estigmatizaram todas as outras facções do socialismo de Estado, agora se tornaram a Estrela de Belém apontando o caminho para a reconstrução revolucionária. Evidentemente, tais métodos não podiam deixar de conduzir, com fatalidade inevitável, ao pântano do conformismo, hipocrisia e falta de princípios.

A paz de Brest Litovsk; a política agrária com suas oscilantes mudanças da mais pobre classe de camponeses para o explorador camponês; a atitude perplexa e apavorada em relação aos sindicatos; a política vacilante em relação aos técnicos especialistas, com a oscilação teórica e prática de uma gestão colegiada das indústrias para o “poder de um só homem”; os apelos insistentes ao capitalismo da Europa Ocidental, passando por cima do proletariado estrangeiro e da casa, e, finalmente, a última, inconsistente e ziguezagueante, mas incontestável e segura, restauração da burguesia abolida — tal é o novo sistema do bolchevismo. Um sistema de descaramento sem precedentes praticado em uma escala monstruosa, uma política de dupla operação ultrajante em que a mão esquerda do Partido Comunista começa conscientemente

a ignorar, e até mesmo negar, a princípio, o que faz a mão direita. Por exemplo, proclama-se, de um lado, que o problema mais importante do momento é a luta contra a pequena burguesia (e, aliás, contra elementos anarquistas na estereotipada fraseologia bolchevista), enquanto de outro lado, são emitidos novos decretos criando as condições tecno-econômicas e psicológicas necessárias para a restauração e fortalecimento da mesma burguesia — essa é a política bolchevista que permanecerá para sempre como um monumento completamente falso, completamente contraditório, preocupado apenas com a autopreservação da política oportunista da ditadura do Partido Comunista.

Por mais alto que a ditadura possa gritar sobre o grande sucesso de seus novos métodos políticos, permanece o fato mais trágico de que as piores e mais incuráveis feridas da Revolução foram tratadas pelas mãos da própria ditadura comunista.

Uma consequência inevitável do governo do Partido Comunista foi também o outro “método” da gestão bolchevista: o terrorismo.

Há muito tempo, Engels disse que o proletariado não precisa do Estado para proteger a liberdade, mas dele necessita com o propósito de esmagar seus oponentes, e que, quando for possível falar de liberdade, não haverá governo. Os bolchevistas adotaram essa máxima não apenas como seu axioma sócio-político durante o “período de transição”, mas deram-lhe uma aplicação universal.

O terrorismo sempre foi e continua a ser a *ultima ratio* do governo alarmado sobre a própria existência. O terrorismo é sedutor devido as suas tremendas

possibilidades. Oferece uma solução mecânica, por assim dizer, em situações sem esperança. Psicologicamente, é explicado como uma questão de autodefesa, enquanto necessidade de eliminar a responsabilidade para melhor atacar o inimigo.

Mas os firmes princípios do terrorismo repercutem inevitavelmente em um dano fatal à liberdade e à revolução. O poder absoluto corrompe e derrota seus partidários não menos do que aos oponentes. Um povo que não conhece a liberdade se acostuma à ditadura: combatendo o despotismo e a contrarrevolução, o próprio terrorismo se torna uma eficiente escola.

Uma vez no caminho do terrorismo, o Estado necessariamente se distancia do povo. Deve reduzir ao mínimo possível o círculo de pessoas investidas de poderes extraordinários em nome da segurança do Estado. E, então, nasce o que pode ser chamado de “pânico autoritário”. O ditador, o déspota, é sempre covarde. Ele suspeita de traição em todo lugar. E quanto mais aterrorizado ele se torna, mais selvagemmente enfurece sua imaginação assustada, incapaz de distinguir o perigo real do imaginado. Ele semeia descontentamento, antagonismo, ódio. Ao escolher esse rumo, o Estado está condenado a segui-lo até o fim.

O povo russo permaneceu em silêncio e, em seu nome, sob o pretexto do combate mortal à contrarrevolução, o governo iniciou a mais implacável guerra contra todos os opositores políticos do Partido Comunista. Todo vestígio de liberdade foi arrancado pelas raízes. A liberdade de pensamento, de imprensa, de assembleia pública, a autodeterminação do trabalhador e dos sindicatos, a liberdade de trabalho — tudo isso foi declarado lixo velho, absurdos doutrinários,

“preconceitos burgueses” ou intrigas para o renascimento da contrarrevolução. Ciência, arte, educação ficaram sob suspeita. A ciência seria apenas para investigar e ensinar as verdades do Estado comunista: as escolas e as universidades são rapidamente transformadas em escolas do Partido.

As campanhas eleitorais, como, por exemplo, as recentes reeleições para o Soviete de Moscou (1921), envolvem a suspensão e prisão de candidatos da oposição não aprovados pelas autoridades. Com total impunidade, o governo expõe candidatos não-comunistas ao insulto e escárnio públicos nas páginas dos jornais oficiais colados em quadros de avisos. Mediante inúmeros estratagemas, os eleitores são sucessivamente persuadidos e ameaçados, e o resultado das assim chamadas eleições é a deturpação completa da vontade do povo.

O terrorismo de Estado é exercido por meio de órgãos governamentais conhecidos como Comissões Extraordinárias (Tcheka). Comprometidos com poderes ilimitados, independentes de qualquer controle e praticamente irresponsáveis, possuindo suas próprias formas “simplificadas” de investigação e procedimentos, e com inúmeras equipes de agentes ignorantes, corruptos e brutais, essas Comissões tornaram-se, em pouco tempo, não apenas o terror de uma contrarrevolução real ou fantasmagórica, mas também — e muito mais do que isso — a úlcera mais virulenta no corpo revolucionário do país.

Os métodos policiais secretos que em tudo penetram, inseparáveis do sistema de provocação, a divisão da população entre bem-intencionados e mal dispostos, transformaram gradualmente a luta pelo novo mundo em uma orgia desenfreada de espionagem, pilhagem e violência.

Nenhum regime reacionário jamais dominou a vida e a liberdade de seus cidadãos com tanta arbitrariedade e despotismo quanto a alegada “ditadura do proletariado”.

Como nos velhos tempos do czarismo, a *okhrana* (seção de polícia secreta) governa o país. As prisões soviéticas estão repletas de socialistas e revolucionários de vários matizes da opinião política. A violência física contra os prisioneiros políticos e as greves de fome na prisão estão novamente na ordem do dia. As execuções sumárias, não apenas de indivíduos, mas em massa, são ocorrências comuns. O Estado socialista não hesitou em recorrer a uma medida que até mesmo os governos burgueses mais brutais não se atreveram a usar: o sistema de reféns. Uma amizade ou mesmo um relacionamento casual torna-se base suficiente para uma perseguição implacável e, com bastante frequência, para a pena de morte.

O desprezo bruto e bárbaro pelos direitos humanos mais elementares tornou-se um axioma do governo comunista.

Com uma inevitabilidade lógica, as Comissões Extraordinárias cresceram gradualmente em um mecanismo autocrático monstruoso, independente e inexplicável, com poder sobre a vida e a morte. Uma apelação é impossível, inexistente. Mesmo os órgãos supremos da autoridade do Estado são impotentes diante das Comissões Extraordinárias, como comprovado por amarga experiência.

O Partido Bolchevista não tem o hábito de desprezar qualquer deturpação da verdade para estigmatizar cada crítica ou protesto contra os bolchevistas como “conspiração” de um dos partidos sociais “da direita”: o social-democrata Partido Menchevique e o Partido dos Socialistas Revolucionários. Os comunistas procuram assim justificar repressões brutais contra os “elementos direitistas”. Em relação aos anarquistas, no entanto, o terrorismo bolchevista não pode ser “justificado” por tais argumentos.

A propósito, segue aqui o esboço, embora muito breve, acerca das relações mútuas entre anarquismo e bolchevismo durante a Revolução.

Nos primeiros dias da Revolução, em 1917, quando as massas trabalhadoras começaram a destruir o sistema de propriedade privada e do governo, os anarquistas trabalharam ombro a ombro com eles. A Revolução de Outubro seguiu instintivamente o caminho marcado pela grande explosão popular, naturalmente refletindo as tendências anarquistas. Destruiu o antigo mecanismo do Estado e proclamou o princípio da federação dos soviets na vida política. Utilizou o método de expropriação direta para abolir a propriedade capitalista privada: os camponeses e os trabalhadores expropriaram os proprietários, perseguiram os financistas dos bancos, tomaram as fábricas, minas, moinhos e lojas. No campo da reconstrução econômica, a Revolução estabeleceu o princípio da federação de comitês de lojas e fábricas para o gerenciamento da produção. Os comitês de moradia cuidaram da adequada atribuição das habitações.

Nessa fase inicial da Revolução de Outubro, os anarquistas ajudaram as pessoas com todo o poder a seu alcance e trabalharam de mãos dadas com os bolchevistas para apoiar e fortalecer os novos princípios. Entre a legião de lutadores entusiastas da Revolução, que até o fim permaneceu fiel aos ideais e métodos do anarquismo, podemos destacar aqui Justin Zhook, fundidor da famosa fábrica de pólvora de Schluselburg³, que perdeu a vida ao desempenhar o dever militar revolucionário; também Zheleznyakov⁴, que com rara força e coragem dispersou a Assembleia Constituinte e, depois, lutou contra a invasão contrarrevolucionária.

Mas, assim que os bolchevistas conseguiram controlar o movimento das massas, o trabalho de reconstrução social sofreu uma mudança acentuada na forma e no caráter. Então, abrigados sob a ditadura do proletariado, os bolchevistas usaram todos os esforços para construir um Estado burocrático centralizado. Todos os que interpretaram a Revolução Social principalmente como a autodeterminação das massas e a introdução do comunismo livre e não governamental, estiveram condenados à perseguição. Esta perseguição foi dirigida, em primeiro lugar, contra os críticos da “esquerda”, os anarquistas. Em abril de 1918, o Partido Comunista dominante decidiu abolir todas as organizações anarquistas. Sem aviso prévio, na noite de 12 de abril, o clube anarquista de Moscou foi cercado pela artilharia e por metralhadoras, e os presentes nas instalações receberam ordens para se renderem. Abriu-se fogo sobre aqueles que resistiram. Os alojamentos anarquistas foram invadidos e, no dia seguinte, toda a imprensa anarquista foi suprimida.

Desde então, a perseguição aos anarquistas e a suas organizações assumiu um caráter sistemático. De um lado, nossos camaradas estavam perecendo nas frentes militares que lutavam contra a revolução; do outro lado, eram quebrados pelo Estado bolchevista por meio das Comissões Extraordinárias.

Quanto mais o partido governante se afastava do rumo marcado pela Revolução de Outubro, com mais determinação oprimia outros elementos revolucionários e particularmente os anarquistas. Em novembro de 1918, todos os membros da Conferência Pan-Russa dos Anarcossindicalistas, realizada em Moscou, foram presos. As outras organizações anarquistas foram destruídas e ameaçadas. Devido à completa impossibilidade de uma atividade legal, alguns anarquistas decidiram “ir para a clandestinidade”. Vários deles, em cooperação com alguns socialistas-revolucionários de esquerda, recorreram ao terrorismo. Em 25 de setembro de 1919, explodiram uma bomba no prédio em que o Comitê de Moscou do Partido estava em sessão. As organizações anarquistas de Moscou expressaram publicamente a desaprovação das táticas do grupo subterrâneo, não considerando o terrorismo como uma solução das dificuldades. O governo, no entanto, respondeu com repressão contra todos os anarquistas. Muitos membros do grupo subterrâneo foram executados, uma série de anarquistas de Moscou foi presa e, nas províncias, cada expressão do movimento anarquista foi suprimida. A descoberta, durante uma busca, de literatura anarquista, como obras de Kropotkin ou Bakunin, levava à prisão.

Apenas na Ucrânia, onde o poder dos Bolchevistas era comparativamente mais fraco devido ao extenso

movimento rebelde camponês conhecido como Makhnovismo (de seu líder, o anarquista Makhno), o movimento anarquista continuou até certo ponto ativo. O avanço de Wrangel no coração da Ucrânia e a incapacidade do Exército Vermelho em interromper seu progresso fizeram com que Makhno suspendesse temporariamente a luta contra os bolchevistas em favor de soviets livres e da autodeterminação das massas trabalhadoras. Ofereceu ajuda aos bolchevistas para combater o inimigo comum: Wrangel. A oferta foi aceita e um contrato foi oficialmente concluído entre o governo soviético e o exército de Makhno.

Wrangel foi derrotado e seu exército se dispersou, com Makhno desempenhando uma parte nada desprezível neste grande triunfo militar. Mas, com a liquidação de Wrangel, Makhno tornou-se desnecessário e perigoso para os bolchevistas. Foi decidido livrar-se dele, pôr um fim ao Makhnovismo e, por acréscimo, eliminar os anarquistas em geral. O governo bolchevista traiu Makhno: as forças do Exército Vermelho cercaram traiçoeiramente o exército makhnovista exigindo a rendição. Ao mesmo tempo, todos os delegados que chegaram em Kharkov para participar do Congresso Anarquista, para o qual foram concedidas permissões oficiais, foram presos, bem como os anarquistas residentes em Kharkov e os camaradas ainda a caminho do Congresso.

No entanto, apesar de todas as táticas provocadoras e terroristas dos bolchevistas contra os anarquistas da Rússia, eles se abstiveram, durante todo o período de guerra civil, de protestar em favor dos trabalhadores da Europa e da América — mesmo por aqueles da própria Rússia, temendo que tal ação pudesse prejudicar os

interesses da Revolução Russa e pudesse ajudar o inimigo comum: o imperialismo mundial.

Porém, com o término da guerra civil, a posição dos anarquistas tornou-se ainda pior. A nova política dos bolchevistas de compromisso aberto com o mundo burguês tornou-se mais clara, mais definida, e a ruptura com as aspirações revolucionárias das massas trabalhadoras tornou-se cada vez mais aguda. A luta contra o anarquismo, até então muitas vezes mascarada pela desculpa de lutar contra o “banditismo sob a aparência do anarquismo”, tornou-se uma guerra aberta e franca contra ideais e ideias anarquistas.

Os eventos de Kronstadt ofereceram aos bolchevistas o pretexto desejado para “liquidar” completamente os anarquistas. Foram realizadas prisões por atacado em toda a Rússia. Independente da adesão faccionária, praticamente todos os anarquistas russos conhecidos foram arrastados pela rede policial. Até hoje, todos permanecem na prisão, sem que tenham sido proferidas acusações contra eles. Na noite de 25 para 26 de abril de 1921, todos os presos políticos da prisão de Butyrka (Moscou) — mais de 400 pessoas —, representantes das alas direita e esquerda de partidos socialistas e membros de organizações anarquistas foram forçosamente tirados da prisão e transferidos. Naquela ocasião, muitos detentos sofreram violência brutal: as mulheres foram arrastadas pelos cabelos ao longo dos degraus e uma série de políticos sofreu sérios ferimentos. Os prisioneiros foram divididos em vários grupos e enviados para diversas prisões nas províncias. Do seu destino posterior, não conseguimos receber informações definitivas até agora⁵.

Os bolchevistas responderam desse modo ao entusiasmo revolucionário e à fé profunda que tinham inspirado as massas no início da sua grande luta pela liberdade e justiça — uma resposta que se expressou na política de acordos no exterior e em terrorismo em casa.

Essa política mostrou-se fatal: corrompeu e desintegrou a Revolução, envenenou-a, alojou-se em sua alma, destruiu seu significado moral e espiritual. Devido ao despotismo; ao paternalismo obstinado e mesquinho; à perfídia que substituiu o antigo idealismo revolucionário; ao formalismo sufocante e à indiferença cruel em relação aos interesses e aspirações das massas; à covarde suspeição e à desconfiança em relação ao povo em geral, a “ditadura do proletariado” rompeu inveteradamente com as massas trabalhadoras.

Empurrado para longe da participação direta no trabalho construtivo da Revolução, acossado a cada passo, vítima de uma constante supervisão e do controle do Partido, o proletariado está se acostumando a considerar a Revolução e seus destinos subsequentes como um assunto privado e pessoal dos Bolchevistas. Em vão, o Partido Comunista busca por novos decretos para preservar a sua vida. O povo tem se dado conta do significado subjacente da ditadura do Partido. Conhece o dogmatismo estreito e egoísta, o oportunismo covarde deste; está consciente da decadência interna, das intrigas nos bastidores.

No país onde deveria ter surgido, depois de três anos de tremendo esforço, de um sacrifício terrível e heroico, a maravilhosa flor do comunismo, infelizmente até mesmo os seus botões murchos são destroçados em desconfiança, apatia e inimizade.

Assim, surgiu a era da estagnação revolucionária e da esterilidade que não pode ser curada por nenhum dos métodos de um partido político e que demonstra a completa atrofia social.

O pântano de acordos em que a ditadura bolchevista tinha afundado foi fatal para a Revolução: esta se tornou envenenada por um miasma nocivo. Em vão, os bolchevistas apontam a guerra mundial imperialista como a causa da ruptura econômica da Rússia; em vão, atribuem-na ao bloqueio e aos ataques da contrarrevolução armada. Não estaria neles a verdadeira fonte do colapso e da derrocada.

Nenhum bloqueio, nenhuma guerra com reação estrangeira poderiam desanimar ou conquistar o povo revolucionário, cujo heroísmo, autossacrifício e perseverança sem igual derrotaram todos os inimigos externos. Pelo contrário, é provável que a guerra civil realmente tenha ajudado os bolchevistas. Serviu para manter vivo o entusiasmo popular e fomentou a esperança de que, com o fim da guerra, o Partido Comunista dominante tornaria efetivos os novos princípios revolucionários e asseguraria ao povo o gozo dos frutos da Revolução. As massas aguardavam com expectativa a oportunidade de liberdade social e econômica. Paradoxalmente como pode parecer, a ditadura comunista não teve um aliado melhor, no sentido de fortalecer e prolongar sua vida, do que as forças reacionárias que lutaram contra ela.

Foi apenas o término das guerras que permitiu uma visão completa da desmoralização psicológica à qual a política cegamente despótica da ditadura levou o país revolucionário. Tornou-se então evidente que a mais tremenda ameaça para a revolução não estava fora, mas

dentro do país: um perigo resultante da própria natureza dos arranjos sociais e econômicos que caracterizam o atual “estágio transitório”.

Constatamos plenamente o erro grosseiro dos teóricos da economia política burguesa que ignoram deliberadamente o estudo da evolução histórica do ponto de vista histórico-social e confundem estupidamente o sistema de capitalismo de Estado com o da ditadura socialista. Os bolchevistas têm plena razão quando insistem que os dois tipos de desenvolvimento socioeconômico são “diametralmente opostos em seu caráter essencial”. No entanto, é errado e inútil fingir que tal forma de vida industrial tal qual expressa no sistema atual de ditadura do proletariado seria algo essencialmente diferente do capitalismo de Estado.

De fato, tal como existe realmente, a ditadura do proletariado não é de modo algum diferente do capitalismo de Estado.

As características distintivas deste último— os inerentes antagonismos sociais — são abolidas apenas formalmente na República Soviética. Na realidade, esses antagonismos existem e são profundamente arraigados. A exploração do trabalho, a escravização do trabalhador e do camponês, a anulação do cidadão como ser humano, como pessoa, e sua transformação em uma parte microscópica de um mecanismo econômico universal apropriado pelo governo; a criação de grupos privilegiados favorecidos pelo Estado; um sistema de serviços de trabalho obrigatório e os respectivos órgãos punitivos, tais são os traços característicos do capitalismo de Estado.

Todas essas características também podem ser encontradas no atual sistema russo. Foi de uma ingenuidade imperdoável ou de uma hipocrisia ainda mais imperdoável, como o fizeram os teóricos bolchevistas, especialmente Bukharin, fingir que o serviço universal de trabalho obrigatório no sistema da ditadura proletária é, em oposição ao capitalismo de Estado, “a auto-organização das massas para fins de trabalho”, ou que a “mobilização da indústria existente é o fortalecimento do socialismo” e que “a coerção do Estado no sistema de ditadura do proletariado é um meio de se construir a sociedade comunista”.

Um ano atrás, no Décimo Congresso do Partido Comunista da Rússia, Trotsky vociferou contra a “noção burguesa” de que o trabalho compulsório não é produtivo. Procurou convencer seu público de que o principal problema seria o de “atrair o trabalhador para o processo de trabalho, não por métodos externos de coerção, mas por meios internos, psicológicos”. Mas quando abordou a aplicação concreta desse princípio, defendeu um “sistema muito complexo, envolvendo métodos de natureza ética, bem como prêmios e punições, a fim de aumentar a produtividade do trabalho em consonância com os princípios de compulsão de acordo com os quais estamos construindo toda a nossa vida econômica”.

O experimento foi feito e deu resultados surpreendentes. Se a antiga “noção burguesa” se revelou correta, ou se o mais novo socialismo foi “interna, psicologicamente compulsório”, ineficaz em “atrair o trabalhador para o processo de produção” por meio de prêmios, punições etc., ao menos de algum modo, o trabalhador recusou-se a ser capturado pela fórmula tentadora de “coerção psicológica”.

Evidentemente, a ideologia, bem como a prática do bolchevismo, convenceu os trabalhadores de que os ideais socioeconômicos dos bolchevistas são, incidentalmente, também um passo adiante além da exploração mais intensiva do trabalho. Pois o bolchevismo, longe de salvar o país da ruína e de modo algum melhorar as condições de existência das massas, está tentando transformar o servo de ontem em um escravo completo. O quão pouco o Estado comunista está preocupado com o bem-estar dos trabalhadores é percebido a partir da declaração de um proeminente delegado comunista ao Décimo Congresso do Partido: “Até agora, a política soviética foi caracterizada pela ausência total de qualquer plano para melhorar as condições de vida da mão de obra”. E ainda: “Tudo o que foi feito a esse respeito aconteceu acidentalmente, ou foi feito aos trancos e barrancos pelas autoridades locais sob a pressão das próprias massas”.

Isso é, então, sistema de ditadura do proletariado ou capitalismo de Estado?

Acorrentados ao seu trabalho, privados do direito de abandonar o cargo sob pena de prisão ou execução sumária por “deserção trabalhista”; intimado e espionado por supervisores do Partido; divididos em ovelhas qualificadas (artesãos) e bodes não qualificados (trabalhadores)⁶ e recebendo rações desiguais de alimentos; com fome e insuficientemente vestidos; privados do direito de protestar ou lutar — tais são os proletários modernos da ditadura comunista. Essa “auto-organização” das massas trabalhadoras não seria um passo para trás, um retorno à servidão feudal ou à escravidão negra? A mão do executor do Estado comunista seria menos implacável do que a do chicote do chefe da plantação? Apenas a escolástica ou

um fanatismo cego podem ver aqui, nessa mais dolorosa forma de escravidão, a emancipação do trabalho ou mesmo algo minimamente próximo a isso.

É o ponto culminante da tragédia que o socialismo de Estado, enredado em antíteses lógicas, não pode dar ao mundo nada melhor do que a intensificação dos males do próprio sistema cujos antagonismos produziram o socialismo.

A ditadura do Partido aplica, em todos os detalhes, a mesma política também ao campesinato. Aqui, igualmente, o Estado é o mestre universal. A mesma política de serviço obrigatório do trabalho, de opressão, espionagem e expropriação sistemática dos frutos do trabalho dos camponeses: o antigo método de requisição que muitas vezes despojava os camponeses das coisas necessárias à vida; ou o recém-iniciado, mas não menos predatório, imposto alimentar; um firme disparate, um desperdício enorme de alimentos resultante do inconveniente sistema de centralização e da política alimentar bolchevista; a destruição de distritos camponeses inteiros para retardar a fome, a doença e a morte; expedições punitivas, massacrando famílias camponesas pelo atacado e derrubando aldeias inteiras ao menor sinal de resistência à política de pilhagem da ditadura comunista — tais são os métodos do domínio bolchevista.

Desse modo, nem a política nem a exploração econômica do proletariado industrial e agrário cessou. Somente a forma mudou: a exploração anterior era puramente capitalista; agora, rotulada como “governo dos trabalhadores e dos camponeses” e batizada de “economia comunista”, é capitalista de Estado.

Contudo, este sistema moderno de capitalismo de Estado é pernicioso não só porque degrada o ser humano vivo e o transforma em uma máquina sem alma. Contém outro elemento, não menos destrutivo. Por sua própria natureza, este sistema é extremamente agressivo. Longe de abolir o militarismo, no sentido estrito do termo, aplica o princípio da militarização — com todos os seus atributos de disciplina mecânica, autoridade irresponsável e repressão — a cada uma das fases do esforço humano.

O militarismo socialista não é apenas admitido, mas defendido e justificado pelos teóricos do Partido. Assim, Bukharin, em seu trabalho sobre *Economia do Período de Transição*, escreve: “O governo dos trabalhadores, ao empreender a guerra, procura ampliar e fortalecer os fundamentos econômicos em que é construído, isto é, formas de produção socialistas. Aliás, é claro que, em princípio, até mesmo uma agressiva guerra revolucionária socialista é permitida”. E, de fato, já estamos familiarizados com algumas pretensões imperialistas da ditadura dos “trabalhadores”.

Dessa maneira, os “preconceitos burgueses” expulsos pela janela reentram pela porta.

É evidente que o militarismo da ditadura “trabalhista”, como qualquer outro militarismo, exige a formação de um gigantesco exército de não produtores. Além disso, tal exército e todos os seus vários órgãos devem receber recursos técnicos e meios de existência, o que coloca encargos adicionais aos produtores, isto é, aos trabalhadores e aos camponeses.

Outro, e o mais importante perigo interno, é a própria ditadura. A ditadura que, despótica e implacável, alienou-

se das massas trabalhadoras, estrangulou a iniciativa e a liberdade, reprimiu o espírito criativo dos elementos que suportaram o peso da Revolução e instila lenta e eficazmente seu veneno nos corações e mentes da Rússia.

Assim, a própria ditadura semeia contrarrevolução. Nem conspirações de fora, tampouco as campanhas dos Denikins e Wrangels são a espada de Dâmocles da Rússia. O maior perigo real é a desilusão, o ressentimento e o ódio do despotismo bolchevista em todo o país, essa atitude contrarrevolucionária do povo em geral, que é a legítima prole da própria ditadura do Partido Comunista.

Mesmo nas fileiras do proletariado está amadurecendo, com força cumulativa, o protesto contra a reacionária política “big stick”⁷ do bolchevismo.

O movimento organizado dos trabalhadores da Rússia se desenvolveu imediatamente após a Revolução de fevereiro. A formação de comitês de lojas e fábricas foi o primeiro passo para o controle real do trabalho das atividades dos proprietários capitalistas. Tal controle, no entanto, não poderia ser geral sem a coordenação do trabalho de todos os outros comitês similares e, assim, ganharam vida os sovietes ou conselhos gerais de comitês de lojas e fábricas, e o respectivo Congresso Pan-Russo dos Sovietes.

Desta forma, os comitês de lojas e fábricas foram os pioneiros no controle trabalhista da indústria, com a perspectiva de que, no futuro próximo, eles gerenciariam

as indústrias inteiras. Os sindicatos, por outro lado, empenharam-se em melhorar as condições de vida e o ambiente cultural de seus membros.

Mas depois da Revolução de Outubro, a situação mudou. Os métodos de centralização da ditadura bolchevista penetraram também nos sindicatos. A autonomia dos comitês de lojas foi declarada supérflua. Os sindicatos foram reorganizados em princípios industriais, com o comitê da loja castrado como um mero “embrião” da coligação e totalmente submetido à autoridade dos órgãos centrais. Assim, toda independência de ação, toda a iniciativa foi arrancada das mãos dos próprios trabalhadores e transferida para a burocracia sindical. O resultado desta política foi a completa indiferença dos trabalhadores em relação aos sindicatos e ao destino das indústrias.

Em seguida, o Partido Comunista começou a preencher os sindicatos com os próprios membros do partido. Eles ocuparam os escritórios sindicais. Isso foi feito facilmente, porque todos os outros partidos políticos foram proibidos e não havia nenhum órgão de imprensa pública exceto as publicações oficiais bolchevistas. Não é de admirar que, dentro de pouco tempo, os comunistas demonstraram uma maioria esmagadora em todos os comitês executivos provinciais e centrais, e tiveram nas mãos a administração exclusiva dos sindicatos. Usurparam o papel dominante em todos os órgãos do trabalho, incluindo até organizações nas quais conjunto dos seus membros (como o Sindicato dos Funcionários dos Sovietes) estava manifesta e mais duramente em oposição aos Bolchevistas. Sempre que um sindicato ocasional se revelasse refratário, como o dos gráficos, por exemplo, e se recusasse a ceder à

“persuasão psicológica interna”, os comunistas resolviam a dificuldade pelo simples expediente de suspender toda a administração sindical.

Tendo adquirido o controle do mecanismo político das organizações trabalhistas, o Partido Comunista formou em todos os locais de trabalho e fábricas pequenos grupos de seus próprios membros, as chamadas “células” comunistas, que se tornaram os mestres práticos da situação. A “célula” comunista é investida de poderes tais que nenhuma ação do comitê de loja ou de fábrica (mesmo que sejam comunistas) é válida a menos que seja sancionada pela “célula”. O órgão mais elevado do movimento trabalhista, o Soviete Central Pan-Russo dos Sindicatos Trabalhistas, está sob o controle direto do Comitê Central do Partido Comunista.

Lênin e outros líderes bolchevistas assumiram a posição de que o sindicato deve ser, em primeiro lugar, uma “escola do comunismo”. Na prática, o papel do sindicato na Rússia é reduzido ao de uma agência automática para a execução das ordens do partido no poder.

No entanto, esse estado de coisas está se tornando insuportável mesmo para aquele elemento trabalhista que ainda é fiel aos mandamentos do comunismo estatal. Nas fileiras do próprio Partido Comunista, tem sido desenvolvido um movimento de oposição contra a governamentalização militar dos sindicatos. Este novo movimento, conhecido como Oposição Trabalhista, embora ainda leal ao seu pai comunista, já percebeu o pleno horror da posição sem esperança, o “beco sem saída”, para o qual as políticas criminosamente estúpidas dos bolchevistas levaram o proletariado e a revolução russa.

A Oposição Trabalhista foi descrita pela boa comunista ortodoxa Kollontai⁸ como sendo “a guarda avançada do proletariado, classe consciente e consolidada pelos laços dos interesses de classe”, um elemento que “não se separou dos membros comuns das massas trabalhadoras e não se perdeu entre os detentores das agências dos sovietes”. Esta oposição trabalhista protesta “contra a burocratização”, contra a distinção entre povo “superior” e “inferior”, contra os excessos da hegemonia do Partido e contra a política mutável e distorcida do poder central dominante. “O grande poder criativo e construtivo do proletariado”, diz a Oposição Trabalhista, “não pode ser substituído, na tarefa de construir a sociedade comunista, pelo mero emblema da ditadura da classe trabalhadora”, da ditadura que um proeminente comunista caracterizou no último Congresso do Partido Comunista como “a ditadura da burocracia do Partido”.

De fato, a Oposição Trabalhista justifica-se ao perguntar: “Nós, o proletariado, somos realmente a espinha dorsal da ditadura da classe trabalhadora, ou devemos ser considerados apenas como um rebanho sem vontade, bom o suficiente apenas para levar nas costas alguns políticos do partido que estão fingindo reconstruir a vida econômica do país sem nosso controle, sem nosso construtivo espírito de classe?”.

E, segundo Kollontai, esta Oposição Trabalhista “continua crescendo apesar da decidida resistência de parte dos líderes mais influentes do Partido e ganha mais e mais adeptos entre as massas trabalhadoras em toda a Rússia”.

Mas o Décimo Congresso do Partido Comunista da Rússia (abril de 1921) colocou seu veto decisivo sobre a Oposição Trabalhista. A partir de agora, este se encontra oficialmente condenado, a discussão de suas ideias e princípios está proibida por causa de “sua tendência anarcossindicalista”, como Lênin se expressou. O Partido Comunista declarou guerra à Oposição Trabalhista. O Congresso do Partido decidiu que “a propagação dos princípios da Oposição Trabalhista é incompatível com a adesão ao Partido Comunista”. A demanda para transferir o gerenciamento das indústrias para o proletariado foi colocada fora da lei.

A Revolução de Outubro iniciou-se com o grande grito de batalha da Primeira Internacional: “a emancipação dos trabalhadores deve ser realizada pelos próprios trabalhadores”. No entanto, vimos que, quando o período de destruição construtiva tinha passado, quando os fundamentos do czarismo tinham sido destruídos e o sistema burguês abolido, o Partido Comunista se considerou suficientemente forte para levar em suas mãos a administração inteira do país. Começou a educação dos trabalhadores dentro do espírito de um autoritarismo mais rigoroso e, passo a passo, o sistema soviético transformou-se em uma máquina policial burocrática e punitiva. O terrorismo tornou-se sua lógica e inevitável serva.

A indiferença e o ódio gerais, e a completa paralisia social foram o resultado da direção do governo. Uma

atmosfera de submissão servil, ao mesmo tempo revoltante e repugnante, permeia todo o país. Isso sufoca tanto os oprimidos quanto os opressores.

Qual a vantagem que o ponderado — e propenso a acordos — Lênin comece cada um de seus discursos com a confissão dos muitos e sérios erros cometidos pelo Partido no poder? Nenhuma acumulação de erros pelo “oportunista engenhoso”, como Lunacharsky apelida Lênin, pode consternar os campeões do bolchevismo embriagados com o domínio político de seu Partido. Os erros de seus líderes se tornam, na interpretação dos teóricos e publicistas comunistas, “uma necessidade eminente”, e as tentativas convulsivas de corrigi-las (toda a política agrária) são saudadas como atos da maior sabedoria, humanidade e lealdade aos princípios bolchevistas.

Em vão, o grito impaciente de Kollontai: “o medo da crítica, inerente ao nosso sistema de burocracia, às vezes atinge o ponto de uma caricatura”. Os anciões do Partido a estigmatizam como uma herege devido a esta aflição, o panfleto *A Oposição Trabalhista* está proibido, e o próprio Illitch (Lênin) crava nela alguns insultos pessoais sarcásticos. O “perigo” sindicalista está supostamente removido.

Enquanto isso, a oposição está crescendo, aprofundando-se, espalhando-se ao longo da Rússia trabalhadora.

De fato, o que um observador imparcial pensará sobre o quadro peculiar apresentado pela Rússia bolchevista? Numerosas greves trabalhistas, com dezenas de trabalhadores presos e muitas vezes executados sumariamente; revoltas e levantes camponeses, insurreições revolucionárias contínuas em várias partes

do país. Não é uma situação terrivelmente trágica, um absurdo hediondo? Não é a rebelião de trabalhadores e camponeses, por mais que falte consciência de classe em alguns casos, uma guerra real contra o governo dos operários e camponeses? O próprio governo que é carne da carne e sangue do sangue de operários e camponeses, que tinha sido chamado para proteger interesses destes e cuja existência só poderia ser possível na medida em que correspondesse às necessidades e exigências das massas trabalhadoras.

Os protestos populares não cessam. O movimento de oposição cresce, e em defesa própria o Partido deve apaziguar as pessoas de tempos em tempos, mesmo com o sacrifício de seus princípios. Mas onde é impossível aliviar o anseio de pão e liberdade mediante algumas poucas sopas, fecham-se as bocas famintas com bala ou baioneta, e a imprensa oficial estigmatiza os que protestam com o nome infame de “contrarrevolucionários”, traidores, contra o “governo dos trabalhadores e dos camponeses”.

A Rússia, a Rússia bolchevista, está, então, novamente quieta — com a quietude da morte.

A história dos últimos dias está repleta de ilustrações impressionantes de tal “quietude”.

Um desses exemplos é Kronstadt. Kronstadt, contra a qual foi perpetrado o crime mais horrível da ditadura do Partido, um crime contra o proletariado, contra o socialismo, contra a Revolução. Um crime multiplicado cem vezes pelas mentiras deliberadas e pérfidas espalhadas pelos bolchevistas em todo o mundo.

A história futura tratará adequadamente dessa vergonha gritante. Aqui, daremos apenas um breve esboço dos eventos de Kronstadt.

No mês de fevereiro de 1921, os trabalhadores de quatro fábricas de Petrogrado entraram em greve. Foi um inverno excepcionalmente difícil para eles e suas famílias: sofreram frio, fome e exaustão. Exigiram um aumento de provisões de alimentos, de combustível e roupas. Aqui e ali também se expressou a demanda por uma Assembleia Constituinte e pelo livre comércio. Os grevistas tentaram uma manifestação de rua, e as autoridades requisitaram militares contra eles, principalmente os *kursants*, jovens comunistas das escolas de treinamento militar.

Quando os marinheiros de Kronstadt entenderam o que estava acontecendo em Petrogrado, expressaram sua solidariedade com os grevistas em suas demandas econômicas e revolucionárias, mas recusaram-se a apoiar qualquer solicitação por uma Assembleia Constituinte e pelo livre comércio. No dia 1º de março, os marinheiros organizaram um comício público em Kronstadt, na qual também compareceram Kalinin, o Presidente do Comitê Central Executivo Pan-Russo (o dirigente da República da Rússia); Kuzmin, o Comandante da Fortaleza de Kronstadt; e Vassiliev, o presidente do Soviete de Kronstadt. A reunião, realizada com o conhecimento e permissão do Comitê Executivo do Soviete de Kronstadt, aprovou as resoluções sancionadas pelos marinheiros, pelos militares e pela assembleia de cidadãos com 16 mil pessoas. Kalinin, Kuzmin e Vassilyev discursaram contra tais resoluções. Os principais pontos destas foram: liberdade de expressão e imprensa livre para os partidos revolucionários; anistia para os revolucionários presos; reeleição dos sovietes por

votação secreta e ausência de interferência do governo durante a campanha eleitoral.

As autoridades bolchevistas responderam às resoluções começando a remover da cidade os suprimentos de comida e munição. Os marinheiros impediram a tentativa, fecharam as entradas da cidade e prenderam alguns dos comissários mais turbulentos. Kalinin foi autorizado a retornar a Petrogrado.

Tão logo as autoridades de Petrogrado tomaram conhecimento das resoluções de Kronstadt, iniciaram uma campanha de mentiras e difamação. Apesar de Zinoviev ter mantido uma comunicação telefônica constante com o presidente do Soviete de Kronstadt, e este lhe assegurasse que em Kronstadt tudo estava calmo e que os marinheiros estavam somente ocupados com os preparativos para as reeleições, a estação de rádio de Petrogrado manteve-se mobilizada enviando mensagens para o mundo anunciando uma conspiração contrarrevolucionária e um levante do Exército Branco em Kronstadt. Ao mesmo tempo, Zinoviev, Kalinin e colaboradores conseguiram persuadir o Soviete de Petrogrado a aprovar uma resolução que foi um ultimato para Kronstadt se render imediatamente, sob pena de aniquilação completa em caso de recusa.

Um grupo de revolucionários muito conhecidos e confiáveis, então em Petrogrado, percebendo o caráter provocador de tal política, apelaram para Zinoviev e para o Conselho de Defesa, do qual ele era o Presidente. Apontaram a natureza não-revolucionária e reacionária desta política e seu grande perigo para a Revolução. As exigências de Kronstadt estavam claramente estabelecidas: contra a Assembleia Constituinte, contra o livre comércio

e a favor da forma de governo dos soviets. Mas o povo de Kronstadt, como foi declarado com franqueza no respectivo boletim, não podia mais tolerar o firme despotismo do Partido e exigiu o direito de divulgar suas queixas e o reestabelecimento dos soviets livres. “Todo o poder para os soviets!” foi novamente a sua palavra de ordem, como tinha sido a do povo e dos bolchevistas em 1917. Recorrer à força armada contra Kronstadt foi o auge da insensatez; de fato, um crime terrível. A única solução correta e revolucionária repousa em se atender à solicitação de Kronstadt (telegrafada pelos marinheiros para Zinoviev, mas não transmitida por ele ao Soviete) para a escolha de uma Comissão imparcial para se atingir uma decisão amistosa.

Contudo, este apelo do grupo de revolucionários de Petrogrado foi ignorado. Muitos comunistas compreenderam claramente quão maliciosamente reacionária era a atitude do governo em relação a Kronstadt, mas servilmente aviltados e moralmente mutilados pelo jesuitismo do Partido, não ousaram falar e, calados, participaram do crime.

No dia 7 de março, Trotsky começou o bombardeio de Kronstadt e, no dia 17, a fortaleza e a cidade foram tomadas após inúmeros assaltos ferozes envolvendo sacrifícios e traições humanas fantásticas. Assim, Kronstadt foi “liquidada”, e o “complô contrarrevolucionário” extinto em sangue. A “conquista” da cidade foi caracterizada por uma selvageria implacável aos derrotados, embora nenhum dos comunistas presos pelos marinheiros de Kronstadt tenha sido por eles ferido ou morto. Mesmo antes do assalto da fortaleza, os bolchevistas executaram sumariamente numerosos soldados do Exército Vermelho, cujo espírito

revolucionário e solidariedade fizeram com que se recusassem a participar do banho sangrento.

A “conspiração” e a “vitória” foram necessárias para que o Partido Comunista se salvasse da ameaça de decomposição interna. Trotsky, que durante a discussão do papel dos sindicatos (em 30 de dezembro de 1920, na sessão conjunta do Partido Comunista, do Conselho Executivo Central dos Sindicatos e dos representantes no 6º Congresso dos Sovietes) fora tratado por Lênin como um menino mau que “não conhece o seu Marx”, mais uma vez provou ser o salvador do “país em perigo”. A harmonia foi restabelecida.

Poucos dias depois da “gloriosa conquista” de Kronstadt, Lênin disse no Décimo Congresso do Partido Comunista da Rússia: “Os marinheiros não queriam os contrarrevolucionários, mas eles também não nos queriam”. E — ironia do executor! —, naquele mesmo Congresso, Lênin defendeu o livre comércio, “como uma trégua”.

No dia 17 de março, o governo comunista celebrou sua sangrenta vitória sobre o proletariado de Kronstadt, e no dia 18, comemorou os mártires da Comuna de Paris. Como se não fosse evidente para todos os que tinham olhos e podiam ver que o crime cometido contra Kronstadt era muito mais terrível e enorme do que a matança da Comuna em 1871, pois fora feito em nome da Revolução Social, em nome da República Socialista. Doravante, às figuras vilãs clássicas de Thiers e Gallifet são adicionadas as de Trotsky, Zinoviev, Dybenko, Tukhachevsky.

Assim é o sacrifício humano levado ao Moloch do bolchevismo, à mentira gigantesca que ainda está crescendo e se espalhando por todo o mundo e enredando-o em sua rede de ruína, falsidade e traição. Nem se trata aqui apenas da liberdade e da vida de cidadãos individuais que são sacrificadas a este deus de barro, nem mesmo o bem-estar do país: são os ideais socialistas e o destino da Revolução que estão sendo destruídos.

Há muito tempo, Bakunin escreveu: “Todo o poder do czar russo é construído sobre uma mentira — uma mentira em casa e que está no exterior: um sistema colossal e astuto de mentiras talvez nunca testemunhado antes, em toda a história do homem”.

Mas um sistema desse tipo existe agora. É o sistema do comunismo de Estado. Os proletários revolucionários do mundo devem abrir os olhos para a situação real na Rússia. Deveriam aprender a descobrir o terrível abismo que, devido à ditadura cega e sangrenta, o Partido bolchevista governante trouxe para a Rússia e a Revolução Russa. Que o proletariado mundial dê ouvidos às vozes dos verdadeiros revolucionários, às vozes daqueles cujo objetivo não é o poder do partido político, mas o sucesso da Revolução Social, e para quem a Revolução é sinônimo de dignidade humana, liberdade e regeneração social.

Que o proletariado da Europa e da América, quando a revolução mundial vier, possa escolher uma trilha diferente da seguida pelos bolchevistas. O caminho do bolchevismo leva à formação de um regime social com novos antagonismos e distinções de classes; leva ao capitalismo de Estado, que apenas um fanático cego pode considerar

como um estágio de transição para uma sociedade livre na qual todas as diferenças de classe estão abolidas.

O comunismo de Estado, o governo soviético contemporâneo, não é e nunca pode se tornar o limiar de uma sociedade comunista livre, voluntária e não autoritária, porque a própria essência e natureza do comunismo governamental e compulsório exclui essa evolução. A consistente centralização econômica e política, a governamentalização e burocratização de cada esfera da atividade e esforço humanos, a inevitável militarização e degradação do espírito humano destroem mecanicamente todos os germes da nova vida e extinguem o incentivo do trabalho criativo e construtivo.

É a própria ditadura do Partido Comunista que efetivamente dificulta o desenvolvimento e aprofundamento da Revolução.

A luta histórica das massas trabalhadoras pela liberdade inevitável e necessariamente prossegue fora da esfera da influência governamental. A luta contra a opressão política, econômica e social, contra a exploração do homem pelo homem, ou do indivíduo pelo governo, é sempre simultaneamente também uma luta contra o governo enquanto tal. O Estado político, qualquer que seja sua forma, e o esforço revolucionário construtivo são irreconciliáveis. São mutuamente exclusivos. Toda revolução no rumo de seu desenvolvimento enfrenta essa alternativa: construir-se livremente, independente e a despeito do governo, ou escolher um governo com toda a limitação e estagnação envolvidas. O caminho da Revolução Social, da autoconfiança construtiva das massas organizadas e conscientes, está na direção do não-governo,

isto é, da anarquia. Nem o Estado, nem o governo, mas sim a reconstrução social sistemática e coordenada pelos trabalhadores que é necessária para a construção da nova sociedade livre. Não o Estado e seus métodos policiais, mas a cooperação solidária de todos os elementos de trabalho — o proletariado, o campesinato, os intelectuais revolucionários que se ajudam mutuamente em associações voluntárias, que nos emancipará da superstição do Estado e abrirá a passagem entre a antiga civilização abolida e o comunismo livre. Não por ordem de alguma autoridade central, mas organicamente, da própria vida, deve crescer a tão estreita federação das associações unidas, industriais, agrárias, etc., que deve ser organizada e gerenciada pelos próprios trabalhadores, e então — e só então — a grande aspiração do trabalho para a regeneração social terá uma sonora e firme fundação. Somente essa organização da comunidade criará espaço para uma humanidade realmente livre, criativa e nova, e será o verdadeiro limiar do comunismo anarquista não-governamental.

Assim, e somente assim, podem ser completamente varridos todos os remanescentes da nossa antiga e moribunda civilização, e a mente humana e o coração podem ser aliviados dos diversos venenos da ignorância e do preconceito.

O proletariado mundial revolucionário deve poder ouvir essa voz anarquista, que, desde então, para ele apregoa das profundezas das masmorras da prisão.

O proletariado mundial deve entender a grande tragédia dos trabalhadores da Rússia: a tragédia angustiante dos trabalhadores e camponeses que suportaram o peso da Revolução e que agora se encontram impotentes

na embreagem de ferro de um Estado paralisante. O proletariado mundial deve, ainda que tarde, afrouxar esse estrangulamento.

Caso contrário, a Rússia soviética, uma vez o coração da Revolução o mundo, se tornará o refúgio da reação mais retrógrada do mundo.

Moscou, junho de 1921.

Notas

¹ Série Revolução Russa, nº 2, 1922. Texto complementar a "Tragédia Russa", ensaio de Berkman publicado na revista *verve*, vol. 12, 2007.

² Pyotr Wrangel foi um oficial do Exército Imperial Russo e o último general do Exército Branco, que lutava contra os Bolchevistas. Capitulou em 1920 e exilou-se (N.T.).

³ O soviete da fábrica de pólvora de Schlüsselburg, localidade próxima a Petrogrado, participou decisivamente da Revolução de Outubro (N.T.).

⁴ Anatoly Zheleznyakov, anarquista morto em 1919, durante o combate às forças reacionárias do Exército Branco, comandadas por Denikins (N.T.).

⁵ Este panfleto foi escrito em junho de 1921, como mencionado no meu prefácio. Desde então, alguns dos anarquistas presos em Moscou foram deportados da Rússia, mesmo sendo nativos desse país; outros exilados para partes distantes, enquanto um grande número ainda está nas prisões (N.A.).

⁶ Referência à parábola bíblica (Mateus 25: 32), anunciando que quando Cristo voltar irá separar os povos como um pastor que separa as ovelhas dos bodes em seu rebanho (N.T.).

⁷ "*Big Stick*" ou "grande porrete" se refere ao estilo de política externa apresentada pelo presidente dos EUA, T. Roosevelt, em 1901, ameaçando usar da força caso não fossem aceitos conversas e compromissos favoráveis aos interesses do país (N.T.).

⁸ Alexandra Kollontai (N.T.).

Resumo

Alexander Berkman faz um balanço dos efeitos imediatos da Revolução Russa após três anos da instauração do governo bolchevista. Recorda o que constitui um partido, como o Partido Comunista se instituiu como partido único e mostra que a Revolução Russa foi algo diverso do que dela foi feito sob a direção do partido.

Palavras-chave: Revolução Russa, Partido Comunista, bolchevismo, anarquismo.

Abstract

Alexander Berkman evaluates the immediate effects of the Russian Revolution three years after the Bolshevik government was established. He addresses the elements that form a party; the institution of the Communist Party as a single party; and shows that the Russian Revolution turned into something different under the leadership of the party.

Keywords: Russian Revolution, Communist Party, Bolshevism, Anarchism.

***The Russian Revolution and the Communist Party,
Alexander Berkman.***

Recebido em 9 de outubro de 2017. Confirmado para publicação em 28 de outubro de 2017.